

**Outras escritas para a Amazônia:  
entre rupturas de conhecimentos e desconstruções discursivas**

*Other writings on the Amazon:  
between epistemic ruptures and discursive deconstructions*

Uilamir Costa de ALENCAR<sup>1</sup>  
Jorge Fernandes da SILVA<sup>2</sup>

**Resumo**

Este artigo propõe uma reflexão crítica sobre a Amazônia, fundamentada em Albuquerque (2016), Bessa Freire (2004), Gersem Baniwa (2016) e Edson Kayapó (2016). O objetivo deste trabalho é refletir e questionar sobre as narrativas pré-concebidas e ideários calcificados sobre a Amazônia, desconstruindo criticamente esses discursos colonizadores, que desconsideram os povos, os conhecimentos e as resistências. A pesquisa, de natureza qualitativa e abordagem autoetnográfica, permite articular vivências pessoais com contextos sociais mais amplos. Como resultado, evidencia-se a desconstrução de concepções equivocadas, com propostas de ressignificação sobre a Amazônia. Fica evidente que há, sobre esse espaço, uma visão colonizada e reducionista, ainda marcada por discursos de exploração. Não se trata de um espaço a ser explorado ou salvo, mas de um território de luta, resistência, culturas e conhecimentos que exigem reconhecimento e respeito.

**Palavras-chave:** Amazônia. Discursos. Desconstrução. Linguagem.

**Abstract**

This article proposes a critical reflection on the Amazon, grounded in Albuquerque (2016), Bessa Freire (2004), Gersem Baniwa (2016), and Edson Kayapó (2016). The objective of this work is to reflect on and question preconceived narratives and established ideals about the Amazon, critically deconstructing these colonizing discourses, which disregard the peoples, their knowledge, and their resistance. The research, qualitative in nature and with an autoethnographic approach, allows for the articulation of personal experiences with broader social contexts. The result is the deconstruction of misconceptions, with proposals for redefining the Amazon. It is clear that this space holds a colonized and reductionist view, still marked by discourses of exploitation. It is not a space to be explored or saved, but a territory of struggle, resistance, cultures, and knowledge that demand recognition and respect.

**Keywords:** Amazon. Discourses. Deconstruction. language.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre. E-mail: uilamir.alencar@sou.ufac.br

<sup>2</sup> Professor Doutor da Universidade Federal do Acre. E-mail: jorge.silva@ufac.br

## Introdução

Precisamos inventar escritas outras, que não apenas registrem, mas que desestabilizem o modo como vivemos, abrindo caminhos para reinventar nossos “territórios existenciais”, nossas escolhas e experiências. A vida, hoje, é muitas vezes aprisionada em um circuito de palavras esvaziadas, mercadorias e imagens produzidas para o consumo imediato e o descarte, sem qualquer densidade de sentido. Romper com esse ciclo exige escritas social e eticamente insurgentes, que se coloquem ao lado das lutas por transformação, enfrentando a falsa “ordem natural” de uma história estruturada pela violência e pela injustiça contra as humanidades e naturezas que compõem os tempos e espaços que habitamos (Albuquerque, 2016a, p. 16).

A partir das provocações feitas por Albuquerque (2016) em consonância com a disciplina Culturas, Linguagens e Sociedades Amazônicas é possível vislumbrar outras possibilidades pela necessidade de uma nova escrita sobre nossas vivências e experiências em um lugar que igualmente precisa ser ressignificado. Isso porque a disciplina foi composta por alunas e alunos indígenas acreanos, por outros(as) advindos de diversos estados brasileiros, além de países fronteiriços com o Brasil e pelo menos uma aluna palestina. Para não incorrer no risco da imposição, precisamos discutir, debater e refletir sobre como realizar essas novas escritas acerca desse lugar coletivamente ocupado e identificado como Amazônia.

Diante disso, o objetivo deste trabalho é refletir e questionar sobre as narrativas pré-concebidas e ideários calcificados sobre a Amazônia e desconstruir criticamente esses discursos colonizadores, que desconsideram os povos, os conhecimentos e as resistências. As reflexões levam em conta as propostas teóricas de Bakhtin e Volóchinov (1995), Albuquerque (2016), Freire (2004), Edson Kayapó (2016) entre outros, bem como os diálogos acerca das narrativas construídas sobre a Amazônia.

O presente artigo se inscreve como uma tentativa de persistir, resistindo a essa lógica de inviabilização e apagamento, oriunda de um pensamento colonizador, pela necessidade e de produzir uma outra escrita para a Amazônia, comprometida não apenas com a transmissão de conteúdos, mas com o enfrentamento das violências simbólicas e materiais que historicamente recaem sobre os territórios e povos desta região. Uma escrita direcionada para desnaturalizar percepções embrutecidas e, ao mesmo tempo, afirmar outras formas de ver, de sentir e de significar esse local - Amazônia.

## Percurso metodológico

Esta pesquisa apresenta abordagem qualitativa, possui o caráter reflexivo e é atravessada por uma perspectiva decolonial, visando romper com o modo tradicional de ver a escrita científica. Está comprometida com a produção de outros conhecimentos e também está relacionada ao cotidiano, às vivências e aos deslocamentos subjetivos. Trata-se de uma escrita consciente, que busca questionar as narrativas hegemônicas historicamente construídas sobre a Amazônia, desafiando as certezas estabelecidas e abrindo espaço para novas vozes e interpretação.

Como destacam Gerhardt e Silveira (2009), esse tipo de abordagem busca compreender e explicar as dinâmicas das relações sociais, favorecendo a construção de resultados mais densos e contextualizados. Além disso, a pesquisa qualitativa possibilita uma maior riqueza de informações (Marconi; Lakatos, 2017), alinhando-se ao movimento reflexivo que orienta este trabalho.

Neste sentido, a abordagem adotada para este texto se adequa à autoetnografia, conforme Ellis, Adams e Bochner (2015) no artigo *Autoetnografia: un panorama*. Os autores descrevem a autoetnografia como um método qualitativo que permite a união da experiência pessoal à análise cultural, proporcionando ao pesquisador refletir sobre suas vivências individuais em diálogo com contextos sociais mais amplos. Essa metodologia faz uma crítica a modelo antigos de pesquisa e valoriza a visão pessoal do pesquisador, a subjetividade, os afetos e o envolvimento do pesquisador, reconhecendo que ninguém consegue ser absolutamente neutro, sendo inspirada por críticas pós-modernas.

Segundo os autores acima, a autoetnografia é uma forma de produzir conhecimento a partir das próprias vivências e experiências, respeitando as questões identitárias e as relações de poder. Desse modo, essa abordagem rompe com o método científico tradicional, permitindo espaço para novas formas de narrar e compreender o mundo, o que se vincula diretamente à proposta deste trabalho.

A metodologia, portanto, baseia-se em um itinerário formativo e experiencial, que teve, ao todo, composto por cinco etapas principais.

Primeiramente, participação nas aulas e discussões coletivas, durante a disciplina, ocasião em que foram promovidos encontros semanais que instigaram a reflexão crítica sobre a Amazônia, como território construído discursivamente, marcado por disputas históricas de violências.

Em segundo lugar, foram lidas obras de autores indicados durante a disciplina, que adotam uma visão crítica em relação ao poder dominante na Amazônia e escrevem a partir de outra perspectiva histórica, contestando as narrativas impostas pelo colonizador. , sendo estes José Ribamar Bessa Freire, Gersem Baniwa, Edson Kayapó, Marcelo Messina, Neide Gondim, José de Souza Martins, entre outros. Cabe destacar a obras de Gerson Albuquerque, cujos textos nortearam grande parte das discussões.

Em terceiro lugar, foram realizadas discussões com colegas oriundos de diferentes territórios e formações. As experiências compartilhadas nas aulas pelos colegas, marcadas por uma multiplicidade de saberes e perspectivas diversas, permitiram repensar percepções sobre a Amazônia fundadas não em estereótipos e ideias coloniais, mas em uma visão decolonializada sobre a Amazônia.

Em quarto lugar, foi realizada a escrita reflexiva e autoetnográfica. O texto foi sendo construído ao longo da disciplina, vagarosamente, com o cuidado de não ser mais uma entre muitas escritas que registra este espaço de forma estereotipada. Sua construção se deu em constante diálogo com as leituras, os debates e as reflexões provocadas.

Por fim, houve a desconstrução e reconstrução de conceitos estereotipados, sendo que todo o processo metodológico esteve atravessado por um movimento de problematizar as verdades engessadas e de abertura para outras formas de compreender e narrar a Amazônia, não como um objeto de estudo, mas como território de vidas, memórias e resistências.

### **A construção da identidade amazônica: Entre certezas e apagamentos históricos**

No percurso da disciplina fomos instigados em todos os momentos a romper com o comodismo. Ficou nítido por meio das discussões o quão estagnados estamos, teórica e existencialmente, e como isso nos aprisiona e nos impede de olhar para o cerne, o oculto, aquilo que foi camuflado e silenciado.

As leituras nos instaram a rever pontos de vista fixos, questionar as certezas e ampliar a visão às múltiplas possibilidades de se enxergar a realidade em nossa volta. Mas, claro que ter razão ou ter certeza sobre algo é extremamente confortável - e quem não quer este conforto? Sair desse conforto é o mesmo que ver um castelo de areia desmoronar ao toque das águas - um caos, destruição ou frustração.

Figurativamente era como se as concepções e visões equivocadas declinassem ao toque de José Ribamar Bessa Freire; Gersem Baniwa; Edson Kayapó; Marcelo Messina e entre outros autores consultados.

Não foi fácil entender, mas essa ruptura era necessária. Trazendo à baila uma frase dita pelo professor Gerson Albuquerque na primeira aula – “precisamos desconstruir os conceitos preestabelecidos através do campo da linguagem”, essa frase abriu as discussões que conduziu à questão central deste texto: Afinal - o que é a Amazônia?

Partindo desta indagação “O que é Amazônia?”, muito embora pareça uma pergunta simples, as dificuldades surgem a depender da origem formativa de cada pessoa. E é justamente nessa diversidade de olhares que se mostra a necessidade de repensar ideias fixas.

Na área da Geografia, é quase impossível não relacionar a Amazônia aos conceitos apresentados nas aulas de Hidrogeografia, disciplina cujo objetivo é estudar as águas estudadas no contexto das paisagens naturais); Climatologia e Meteorologia, ciência que estuda o clima e o estudo dos elementos atmosféricos, respectivamente); Geografia Agrária estudo da transformação do meio rural pelas ações antrópicas, estudo da terra, assim com a exploração e cultivo<sup>3</sup> etc. Em todas essas disciplinas, a Amazônia é abordada de forma estruturalista sem se dar conta das ações das pessoas que nela vivem. Como exemplo é possível citar o curso do Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais, que tem foco nas especificidades da região Amazônica, apoiado no uso sustentável e na preservação dos recursos naturais na região.

Então, sob esse prisma, seria facilmente possível conceituá-la como um dos maiores biomas do mundo, rica em biodiversidade, com as maiores composições faunísticas e florestais, sendo constituída pela maior floresta tropical do planeta, conforme apontam os estudos de Laurance *et al.* (2001) e Draper *et al.* (2021), ou como rica em recursos hídricos, com os maiores reservatórios de água doce existente (Bordalo, 2017), detentora de rios gigantescos e sinuosos, de acordo com Queiroz (2019).

Variadas as maneiras pelas quais seria possível conceituar a Amazônia, entretanto, para se compreender esse lugar “Amazônia”, é necessário deixar de lado conceitos

---

<sup>3</sup> As definições aqui apresentadas sobre o foco de estudo das disciplinas citadas não representam em sua completude a vasta gama teórica que estas se empenham em estudar, são definições superficiais com o intuito meramente ilustrativo, visando facilitar a compreensão do leitor sobre o que elas representam.

equivocados, desconstruir percepções e crenças arraigadas em um discurso socialmente construído e reconstruir novas percepções através de um novo olhar.

O conceito de Amazônia atualmente propalado é utilizado como instrumento para geração de lucro através de um discurso preservacionista e conservacionista, um exemplo disso é o mercado do Crédito de Carbono, que de acordo com o Liberal Amazon (2023) pode gerar por ano 26 bilhões de reais para o Brasil, considerando para isto a região amazônica. Dessa forma, percebe-se que a Amazônia hoje é uma fonte de lucro.

O uso do conceito “Amazônia” ou a invenção dele (Gondim, 2004), se deu em razão de relatos de viajantes os quais eram escritos e manifestavam visões eurocêntricas com registros estereotipados e preconceituosos, ideia disseminada até os dias atuais. No texto intitulado “Amazonialismo”, Albuquerque (2016b) explica que o termo se origina da definição prévia ou julgamento prévio do que se convencionou “Amazônia”. Para o autor:

o amazonialismo é um conjunto de “conhecimentos” ou narrativas que inventa, descreve, classifica, cataloga, analisa de forma supostamente objetiva e mesmo científica a “Amazônia”, produzindo-a como um lugar no mundo da expansão dos impérios e do imperialismo: uma “Amazônia” ou a “Amazônia”, grafada pela escrita de distintos viajantes desde o advento da “modernidade” (Albuquerque, 2016b, p. 78).

Além do mais, o uso deste conceito contribui de forma profunda para o apagamento de histórias, povos, línguas, culturas e o passado, e isto de forma proposital, para assim ser construída a história do povo “amazônico”, “fabricando identidades e fronteiras ‘amazônicas’ e não-amazônicas”, gerando a ideia de um povo\identidade\lugar\ *sui generis* (Albuquerque, 2016b, p. 78). Em seu texto, Albuquerque revela o olhar massificado e depreciativo sobre o que se convencionou identificar a Amazônia e esse olhar externo ganhou força e se dissipou.

No livro *A Chegada do Estranho*, de José de Souza Martins (1993), o autor destaca que o estrangeiro quando chega não quer deixar vestígios do passado, tem que apagar, diminuir ou invisibilizar o que estava presente no início.

Não se trata de introduzir nada na vida dessas populações, mas de *tirar-lhes* o que tem de vital para sua sobrevivência, não só econômica: terras e territórios, meios de e condições de existência material, social, cultural e política. É como se elas não existissem ou, existindo, não

tivessem direito ao reconhecimento de sua humanidade (Martins, 1993, p. 63, grifo do autor).

Para o estranho, desumanizar é necessário, uma vez que essa falta de reconhecimento da humanidade o censo de que ele é o salvador, libertador ou o agente transformador daquela realidade que para ele é involuída e sem cultura.

Assim, o estranho “reconstrói” a seu modo a história, sem nenhum remorso do que é necessário para isto, camuflando rastros, floreando com um discurso desenvolvimentista, tal como pode ser visualizado olhando em retrospecto. Esse desenvolvimento camufla uma multidão de dores silenciadas, povos chacinados, línguas desaparecidas etc.

E esse rastro camuflado pelo estranho forja um povo que tem orgulho de se intitular “povo amazônico”, sem nem menos questionar o que ficou para trás. Esse é o efeito que o discurso criado pelo estranho gera, o completo comodismo e conformismo com o que está posto. Não há questionamentos sobre o que estava aqui antes, sobre as partes que faltam nessa história.

Pensar como o estranho chegou e mudou toda a dinâmica existencial deste lugar hoje chamado Amazônia é algo que permite variadas reflexões. Faz-se necessário problematizar por que nada é questionado sobre isso? Como vivemos e caminhamos em cima dos rastros “apagados” e não nos questionamos sobre isso? como somos capazes de fechar nossos olhos para essa história? Talvez seja mais cômodo não pensar, não falar, abster-se e fingir não saber sobre como a Amazônia do hoje foi construída no passado.

Pensar na Amazônia geralmente remete-se a pensar em florestas, animais e rios meândricos, mas nunca pensar no que foi “apagado” destruído e modificado.

É patente que o apagamento destas histórias que é e foi fundamental para criação dessa identidade figurada na palavra “Amazônia” tem um viés ideológico. Seguindo o que descreve Bakhtin e Volochinov (1995, p. 41) “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”. Ainda para os autores, um produto criado ideologicamente passa a fazer parte da realidade. Desse modo, depois que esse signo passa a ser posto em evidência, é introjetado como algo “real e natural” à existência.

Nesse mesmo sentido, para elucidar a afirmação de Bakhtin e Volochinov, destaco uma passagem do texto de Albuquerque (2016a), intitulado “Acre”, que trata sobre a historicidade do nome Acre. O autor ressalta que

“Acre” é uma palavra produzida pelos homens para designar ou classificar/catalogar um sabor, uma medida de terra, um rio ou uma unidade da federação brasileira. Desta última, uma invenção datada do início do século XX, derivou “acreano”, também utilizado para adjetivar ou classificar/catalogar a pessoa nascida no “estado do Acre” ou que “vive no Acre” ou que “escolheu ser acreana”. A partir desse termo, outros – derivados seus – foram e vêm sendo inventados e reinventados: “falar acreano”, “cultura acreana”, “música acreana”, “culinária acreana”, “mercado acreano”, “hino acreano”, “bandeira acreana”, “governo acreano”, “identidade acreana”, “mulher acreana”, “homem acreano”, “orgulho acreano”, “acrianidade”, “cidades acreanas”, “política acreana”, “economia acreana”, “religião acreana”, “desenvolvimento acreano”, apenas para citar alguns. Tais palavras/conceitos foram produzidas ou sub-produzidas por diferentes narrativas, historicamente datadas e articuladas a determinados interesses, intenções ou projetos de grupos sociais e, em seguida, propagandeadas e difundidas de múltiplas e repetidas formas para que parecessem/pareçam e sejam sentidas ou incorporadas como coisas naturais (Albuquerque, 2016a, p. 16).

Conforme o autor, essa criação narrativa, que gera um sentimento de pertencimento, de uma identidade vivida constantemente que colabora a criação de outras variadas narrativas, tem um interesse determinado. Mas, é importante compreender que esses

[...] distintos “Acre(s)” não existem e jamais existiram enquanto “realidade concreta”, mas tão somente enquanto enunciados que nada revelam, isto é, que não têm como encontrar seus supostos referentes em espaço/tempo algum. Trata-se de um conjunto de práticas discursivas [...] (Albuquerque, 2016a, p. 26).

Albuquerque (2016a) destaca ainda que, é necessário

superar a alienação que nos acomoda a um lugar que não existe, [...] narrado como um dado objetivo, um dado natural, com uma cultura, uma identidade, uma história, um tipo de gente, uma vegetação, uma fauna, uma fronteira, um pretensioso modelo de desenvolvimento sustentável para si e para o mundo. Acreditar em toda essa parafernália discursiva nos torna seres alienados, sem saber quem somos, onde estamos, de onde viemos ou para onde queremos ir (Albuquerque, 2016a, p. 27).

Com base em Albuquerque (2016a), é possível perceber como a criação de narrativas nos envolvem e como nós nos apropriamos delas, fazendo com que vivamos

uma identidade criada discursivamente. Da mesma forma que se cria uma identidade Acreana, também se cria uma identidade Amazônica.

A partir do momento em que uma história passa ser contada repetidas vezes, ela toma parte do nosso consciente e passa a ser tida como um fato “real”, fazendo com que nossa visão fique direcionada a um ponto de vista específico sobre esse fato.

Assim sendo, esse produto ideológico gerado “reflete ou refrata uma outra realidade que lhe é exterior” (Bakhtin; Volochinov, 1995, p. 31), no caso da região, atualmente, chamada amazônica, a história de muitos povos que foram mazelados é ocultada, passando a ter destaque somente a história que o olhar externo ou o estranho quer que seja difundida.

Neste contexto, alicerçado em Albuquerque (2016b), forja-se pelo discurso a “Amazônia” como um lugar homogêneo, distante, aquático, selvagem, atrasado, insalubre e vazio, o que passa a ser senso comum perante o olhar externo\colonizador que sempre se coloca como centro, ponto de referência, padrão de moderno e desenvolvimento.

O que é corroborado no estudo realizado por Marcelo Messina (2016, p. 98), no qual o autor descreve que a propagação dessas características imputadas a esta Amazônia forjada ideologicamente “vira também reservatório de desculpas para o apoio e a justificativa de grandes projetos, vendidos como portadores de desenvolvimento social e econômico”.

Esse ideário,

muito presente nos relatos de inúmeros viajantes e relatórios de comissões de demarcação dos limites das fronteiras do Brasil com as nações vizinhas, atravessou os tempos, reordenando-se sob diversificadas facetas nas formulações de muitos historiadores, antropólogos, economistas, romancistas e outros estudiosos da região até os dias atuais (Albuquerque, 2015, p. 3-4).

Ainda nesse sentido Albuquerque ressalta que,

[...] assim como os viajantes naturalistas deixaram marcas indeléveis e um legado importante para os estudos da região amazônica, [...]. Suas abordagens, no entanto, com toda a carga de estereótipos produzidos permaneceram intocáveis como um dogma, um “espírito fundador”, a leitura objetiva de um passado imexível. As cronologias, a ideia de deserto, o homem solitário, a coisificação dos sujeitos da história, a perspectiva do desenvolvimento, da evolução e do progresso acompanham muitos [...] “intérpretes” da Amazônia [...] até os dias atuais (Albuquerque, 2015, p. 10).

A difusão dessas percepções de um lugar “deserto” e “sem desenvolvimento” é claramente utilizada como um recurso para apropriação, dizer que determinado lugar é deserto abre precedentes para que esse lugar seja ocupado, dizer que não há desenvolvimento também abre precedente para que seja desenvolvido. O interessante é notar que o desenvolvimento, que gera a ocupação dos espaços considerados “desertos”, parte do prisma do estranho que chega.

Nessa perspectiva, percebe-se como o apagamento das histórias dos povos, línguas e culturas é fundamental para que haja, por parte do estranho, a criação da história que para ele soa melhor.

Desse modo, através do olhar do estranho, cria-se uma história, vivida, defendida e disseminada. Mas essa história que compõem o cenário desta Amazônia difundida mundialmente, sob a narrativa do colonizador, não é e nem deveria ser a história tida como “completa”, faltam trechos intrincados, e estes são fundamentais para remontar essa história e desengodar essa Amazônia construída e ramificada na atualidade.

Nesse sentido, falar ou “conceituar” a “Amazônia”, é falar de um grande vazio, mas não como o propagado mito do vazio demográfico como descreve Bertha Becker (2001), que serviu por anos como ferramenta para justificar os interesses dos colonizadores, uma vez que, dizer que um lugar está vazio, obviamente invisibilizando os povos que aqui viviam e vivem, de forma deliberada, significa também dizer que este lugar precisa ser ocupado, tendo em vista os ideais “desenvolvimentista” dos colonizadores.

O vazio não é esse, mas, um vazio de tudo aquilo que foi despojado de forma proposital e que hoje não é mais lembrado.

Fala-se muito na diversidade da Amazônia, mais especificamente na biodiversidade, referindo-se a fauna e flora, mas pouco se fala sobre o esvaziamento da diversidade dantes - a diversidade de culturas, conhecimentos, povos e línguas faladas por esses povos indígenas que aqui habitavam antes da colonização Europeia.

De acordo com Freire (2004) no livro “Rio Babel: a histórias das línguas na Amazônia”,

[...] no século XVI, não havia um único falante de português na Amazônia, mas em seu território eram faladas cerca de 700 línguas indígenas, todas elas ágrafas, depositárias de sofisticados conhecimentos no campo das chamadas etnociências, da técnica e das

manifestações artísticas, que eram transmitidas através da tradição oral e de diversos tipos de narrativas (Freire, 2004, p. 16).

É notado no relato de Freire o quão diversas eram as línguas indígenas, mas estas sempre foram tratadas como inferiores e demonizadas aos olhos dos estranhos\colonizadores. Desse modo, essas línguas foram sendo retraídas, assim como seu povo que hoje não existe mais na grande quantidade existente de outrora, conforme Freire (2004).

Com a chegada dos estranhos\colonizadores os povos indígenas se viram perseguidos, simplesmente pelo fato de serem diferentes e de não terem os mesmos costumes. Mesmo resistindo, muitos foram dizimados.

O mais chocante é que da mesma forma que os estranhos\colonizadores tentaram “apagar” os povos indígenas quando chegaram às terras amazônicas, hoje quando a história da chamada Amazônia é contada esses povos ainda continuam sendo “apagados”. Convém lembrar o

Como descreve Edson Kayapó (2016) os povos indígenas só são lembrados em datas específicas, nas quais são exibidos todos os tipos de estereótipos depreciativos figuradas aos indígenas. Na hipocrisia do colonizador “elegeu-se” uma data que em teoria deveria ser uma data para “homenagear”, mas acabam usando esta para fortalecer um discurso preconceituoso (estereotipado) sobre os indígenas e o apagamento da história desses povos que foram chacinados.

Nesse mesmo contexto, Gersem Baniwa (2016) destaca que os conhecimentos e culturas dos povos indígenas são subalternizados e inferiorizados, visto não terem valor perante a sociedade não-indígena, que se coloca como detentora dos verdadeiros conhecimentos, culturas e valores em detrimento aos demais. À vista disto, o manutenção dessa visão fortalece o ideário do povo desenvolvido, considerado civilizado ou superior, resgatando os demais povos de sua involução existencial.

Essa Amazônia construída discursivamente com um viés estritamente ideológico é um vazio de histórias, culturas, povos, línguas... E esse vazio contribui para o apagamento do pluralismo, da diversidade e projeta\introjeta no agora um discurso de homogeneidade não existente, que não condiz com a realidade.

A “Amazônia” existente hoje, propagada mundialmente, não representa aquilo que deste lugar foi esvaziado, é necessário desconstruir o mundo amazônico alvitado

pondo em evidência o vazio que existe neste mundo “Amazônico” do hoje forjado discursivamente.

### Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi refletir e questionar narrativas criadas discursivamente para caracterizar a Amazônia, além de desconstruir, também através do discurso, as narrativas de colonizadores sobre os povos, seus saberes e suas lutas.

Esse processo envolveu não apenas uma série de ressignificações e desconstruções, mas também um olhar crítico e analítico sobre as realidades, vivências e histórias frequentemente silenciadas. Ainda assim, esse olhar precisa amadurecer cada vez mais. Desconstruir as certezas que temos sobre algo é doloroso, isso porque as certezas nos dão comodidade, que nos cega para outras realidades.

Refletir e questionar sobre as narrativas pré-concebidas e ideários calcificados sobre a Amazônia nos permite demolir as visões colonizadoras e reducionistas marcadas por discursos de exploração e dominação. É necessário que esse espaço deixe de ser visto como um mero detentor de recursos naturais ou território a ser salvo. Trata-se de um espaço de luta e resistência, repleto de culturas e saberes que precisam ser reconhecidos e respeitados.

O processo de desconstrução e ressignificação de uma nova perspectiva sobre a Amazônia é, além de tudo, um chamado a mudanças de paradigmas, não somente acadêmicos, mas também socioculturais.

Portanto, o presente texto não propõe responder definitivamente o que é a Amazônia. Pelo contrário, é um chamamento à reflexão e ao movimento rumo à ruptura de conhecimentos e desconstrução de discursos pré-concebidos sob um viés hegemônico. Este texto convida a reescrever essa história, com novos significados e caminhos, destacando aquilo que foi tentado apagar.

### Referências

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. Acre. In: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; PACHECO, Agenor Sarraf. **Uwakürü: dicionário analítico**. Rio Branco: Nepan Editora, 2016a. p. 14 - 30.

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. Amazonialismo. In: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; PACHECO, Agenor Sarraf. **Uwakürü: dicionário analítico**. Rio Branco: Nepan Editora, 2016b. p. 74 - 97

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. História e historiografia do Acre: notas sobre os silêncios e a lógica do progresso. **Tropos**, v. 1, n. 4, 2015.

BAKHTIN, Mikhail; VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BANIWA, Gersem. Língua, educação e interculturalidade na perspectiva indígena. In ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. **Das Margens**. Rio Branco: Nepan Editora, 2016. p. 41 - 56.

BECKER, Bertha K. et al. Construindo a política brasileira de meio ambiente para a Amazônia: atores, estratégias e práticas. **Brasil: modernização e globalização**. Frankfurt: Biblioteca Iberoamericana-Vervuert, 2001.

BORDALO, Carlos Alexandre. O paradoxo da água na região das águas: o caso da Amazônia brasileira. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 21, n. 1, p. 120-137, 2017.

CRÉDITOS DE CARBONO: MERCADO PODE RENDER R\$26 BILHÕES AO PAÍS. **Liberal Amazon**, 2023. Disponível em: <https://www.liberalamazon.com/geracao-de-renda/news/creditos-de-carbono-mercado-pode-render-r26-bilhoes-ao-pais>. Acesso em: 31 de agosto 2023

DRAPER, Frederick C. et al. Amazon tree dominance across forest strata. **Nature ecology & evolution**, v. 5, n. 6, p. 757-767, 2021.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P. Autoetnografia: um panorama. **Astrolabio**, n. 14, p. 249-273, 2015.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Rio Babel: A história das línguas na Amazônia**. EdUERJ: Atlântica Editora, 2004.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 2004.

KAYAPÓ, Edson. Identidade e literatura indígena: o encontro necessário na escola brasileira. In ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. **Das Margens**. Rio Branco: Nepan Editora, 2016. p. 57 - 75.

LAURANCE, William F. et al. The future of the Brazilian Amazon. **Science**, v. 291, n. 5503, p. 438-439, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARTINS, José de Souza. **A chegada do estranho**. 1993.

MESSINA, Marcelo. Atraso. In: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; PACHECO, Agenor Sarraf. **Uwakürü: dicionário analítico**. Rio Branco: Nepan Editora, 2016. p. 97 - 107.

QUEIROZ, Kristian Oliveira de. Transporte fluvial no Solimões—uma leitura a partir das lanchas Ajato no Amazonas. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 23, n. 2, p. 322-341, 2019.